

EDITORIAL

Ao se acompanharem as publicações relativas à EAD, destaca-se que elas têm passado por significativas mudanças. Do tratamento genérico, expondo ou avaliando a EAD enquanto modalidade de ensino, passaram a surgir pesquisas cujo foco estreitou-se. Já são destacados diversos aspectos desse tipo de formação, com a apresentação das mais diversas abordagens, como ferramentas disponíveis ou metodologias facilitadoras da aprendizagem. Nesse sentido, essa edição da Paidéi@, contempla as expectativas dos leitores que buscam novidades.

Veja-se, por exemplo, o **“Levantamento de dados acerca do tema ‘experimentação mediada por interfaces digitais’ (2005 – 2015)”** em que Ivanderson Pereira Silva e Luis Paulo Leopoldo Mercado Correio apresentam um relato de investigação relativa aos estudos focados na experimentação especialmente em Física, mediados por interfaces digitais. Os resultados apontam que em “26 revistas avaliadas nas áreas de Educação e Ensino [...] foram recuperados 109 artigos que abordavam a experimentação em Física mediada pelas interfaces digitais. Desses, 57 foram classificados como de cunho teórico e 52 como relatos de experiência.” Verificaram, ainda “que 58% desses estudos estão voltados para práticas de ensino de Física na educação básica e 42% para o ensino superior. De acordo com os autores, “esses dados indicam que existe um grande volume de reflexões e práticas que podem contribuir para apontar múltiplas potencialidades didáticas para o desenvolvimento de atividades experimentais à distância, [...] e que existe uma preocupação dos pesquisadores [...] em apresentar à comunidade produtos com alto padrão de qualidade e tecnicamente referenciados. Embora neste estudo, cuja maioria (65%) dos artigos das revistas investigadas apresentem trabalhos fundamentados nos conceitos de softwares e simulações, os autores apontam novas possibilidades, com a utilização de “experimentação remota, da experimentação baseada em realidade virtual, realidade aumentada, jogos digitais, fotografias, vídeogravações”, dentre outras.

Já em **“Redes semânticas como ferramentas cognitivas: um estudo exploratório no ensino de Ciências”**, Eliana Santana Lisbôa, Daniel Antonio Karling e Fabio Henrique Gil Correio apresentam sua pesquisa realizada no âmbito da Disciplina Estágio Supervisionado do Curso em Licenciatura em Computação da Universidade Federal do Paraná- Setor Palotina. O que se buscou investigar foi o uso da ferramenta *CmapTolls* na organização de redes semânticas envolvendo o conteúdo “Átomos”. Os resultados apontaram que os envolvidos - alunos do 9º ano do Ensino Fundamental , de uma Escola Pública da Rede Estadual de Ensino do município de Palotina- PR – foram influenciados “de forma significativa na aprendizagem do conteúdo escolar explorado em sala de aula”. Também foi possível constatar uma intervenção na “prática do professor no que diz respeito à inclusão digital dos alunos por meio da adoção de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC, em contexto educativo”.

Assim como os professores, os tutores devem igualmente preparar-se para a atuação na EAD. Em **“Formação de tutores para atuar na disciplina de LIBRAS em cursos de graduação a distância: um estudo de caso”**, Ricardo Shitsuka e Dorlivete Moreira Shitsuka Correio focalizam a acessibilidade. “O caso foi escolhido em virtude do tempo relativamente curto de curso e o sucesso alcançado no preparo dos tutores. Foram utilizados vídeos, oficinas e o ambiente virtual *Moodle*, bem como uma boa seleção para o curso para formação de tutores por meio de educação a distância que facilitaram o estudo por parte dos alunos.” Relevante foi a constatação de que a aprendizagem nos AVA relaciona-se muito mais diretamente com a atuação dos “atores envolvidos nos processos educacionais” do que nas ferramentas disponibilizadas.

Em **“A sala de aula invertida e suas implicações para o ensino”** de Mariel José Pimentel de Andrade e Clara Pereira Coutinho, trazem não só as implicações do emprego da sala de aula invertida para o ensino mas também exemplos de estudos realizados sobre essa temática em contexto brasileiro. As dificuldades constatadas pelas autoras envolvem “mudanças que tornem as salas de aula mais adequadas às

metodologias ativas e às tecnologias. No entanto, tais mudanças demoram para ocorrer e necessitam de um bom planejamento tanto da parte dos professores quanto dos alunos.”

Nesse sentido, em **“Gestão de cursos em EAD: o significado do planejamento para uma gestão que busca o alcance dos objetivos estabelecidos”** Nilson Robson Guedes Silva Correio destaca “a falta de planejamento como um dos elementos que pode contribuir com o fracasso de projetos em educação a distância”. “Dentre outros aspectos importantes a serem observados no planejamento da educação a distância, ressaltam-se a necessidade de que o processo seja desenvolvido de forma coletiva, ou seja, que ocorra com a participação dos integrantes dos diversos setores da instituição [...] e que atenda plenamente aos interesses e às necessidades de seu público alvo. Esse público alvo - os futuros alunos dos cursos que serão ofertados - buscam nos cursos uma qualidade que possibilite uma plena inserção em um mercado de trabalho dotado de complexidade e exigências cíclicas, bem como uma inclusão na sociedade para o exercício de uma cidadania ativa, possibilitando o seu desenvolvimento e uma melhor qualidade de vida”.

Tanto mais acessível torna-se a EAD, mais necessário o aprofundamento da **“Aprendizagem mediada pelas plataformas digitais na educação superior a distância”**, tal qual o realizou Eduardo Henrique Oliveira da Silva. Em seu estudo, aborda as especificidades das plataformas digitais *e-learning*, *b-learning* e *m-learning* (*eletronic-learning*, *blended-learning* e *mobile-learning*, respectivamente), na educação superior a distância e discutir as implicações didático-metodológicas das plataformas digitais na aprendizagem de educação superior a distância. [...] As plataformas são originárias da criação e difusão da rede mundial de computadores suportados pela *Internet* com conexões sem fio por intermédio de tecnologias como computadores, telefones celulares, *palmtop*, *laptop*, *tablet*, *net/notebook* e *smartphones* que permitem ao estudante o acesso ao AVA para realizar os estudos, tarefas e avaliação dos conteúdos estudados. No entanto, “o Brasil [...] ainda não tem uma Internet que permite acesso o tempo todo, isto é, há oscilações constantes e isso compromete situações de acesso e participação nas atividades e comunicações síncronas”, daí a necessidade da

utilização interfaces assíncronas para contatar o professor, tutor e colegas. Por isso a dedução de que quanto maior o desenvolvimento da tecnologia, tanto mais sofisticados serão os meios e as metodologias adotadas pela EAD.

Por fim, **“Los objetos de aprendizaje (OA) para la disciplina de metodologia de la investigacion de los cursos de licenciatura a distancia”**, de Reinaldo Portal Domingo Correio ressalta que “os cursos na modalidade a distância devem cuidar do componente ‘pesquisa’ a partir da importância que este elemento tem na formação dos estudantes na universidade contemporânea do século XXI”. Para tanto, destaca a necessidade do desenvolvimento de objetos de aprendizagem que constem em repositórios universais, em substituição a materiais a serem impressos e a videoaulas. Esses OA devem ser preparados por professores, em decorrência de pesquisas realizadas na Universidade.

Caracterizada por seu perfil dinâmico a revista Paidéi@ periodicamente, alterna sua editoria, o que deve ocorrer já em seu próximo número. Assim, despedimo-nos, procurando encontrá-los em outras publicações da UNIMES.

Mais uma vez, agradecemos autores e avaliadores pela colaboração.

Boa leitura a todas e a todos!

Eliana Nardelli de Camargo